

A IDADE DA RAZÃO

No princípio...

... eram coloridas filas de casinhas de madeira, uma loja de secos e molhados, um bar e barro, muito barro. No meio de tudo, um monte de gente. Caras do Nordeste, de Minas e “do” Goiás. Dos Brasis. Era o começo de Brasília.

Ana Beatriz Magno

A primeira árvore plantada — O presidente Juscelino Kubitschek era o típico pai coruja. Não perdia uma só cerimônia em sua Brasília e fazia de cada momento um grande evento. Um exemplo, foi quando decidiu plantar em grande estilo a primeira árvore da cidade. Aproveitou a inauguração da escola Júlia Kubitschek e no dia 21 de setembro de 1957 plantou um pé de Canjerana, no pátio do colégio. Um ano depois, em 1958, JK plantou a muda pioneira do Plano Piloto. Uma almecega, na quadra 23 das casas populares.

Censo — A Brasília-canteiro de obras era o paraíso das solteironas a perigo. No primeiro censo, feito em março de 1957, entre os 2 mil 13 habitantes cadastrados havia 1.369 homens, 296 crianças e apenas 245 mulheres. Na ponta do lápis, eram sete homens para cada mulher. Outro dado curioso é o baixo índice de analfabetismo. Entre a população adulta, havia apenas 13% de analfabetos.

Casamento — O primeiro casório aconteceu cedo. Em 17 de março de 1957, José Vítor da Silva, funcionário da Novacap, jurou amor eterno a Generina Maria dos Santos. A cerimônia foi celebrada pelo padre Osvaldo Sérgio Lobo.

Parteira — Parteira de todas as horas, dona Filomena foi por quase dois anos a única profissional do ramo na cidade. Morava na Candangolândia e enquanto não havia hospital por aqui era ela a obstetra da capital. Nos arquivos e mesmo entre os pioneiros, ninguém sabe dizer o destino da velha parteira.

Hospital — A primeira doença na capital prometida nunca esquece. Principalmente quando os médicos são poucos e os acidentes de trabalho acontecem todos os dias. O primeiro hospital, batizado de Juscelino Kubitschek, é claro, foi criado em 6 de julho de 1957, num pequeno galpão de madeira, entre a Cidade Livre e a Candangolândia. Pertencia ao extinto IAPI, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (IAPI) e o médico responsável era Edson Porto. Hoje por lá não existe nem mais o cheiro de hospital. Virou o Museu vivo da Memória Candanga.

Primeira farmácia — Remédios caseiros e alguns comprimidos importados do Rio e São Paulo não faltavam na Farmácia Moma, na Cidade Livre. Primeira do gênero, a farmácia pertencia a João Pereira de Moma.

Obra definitiva — A Ermida D. Bosco foi a primeira a perder a cara de obra. Em 31 de dezembro de 1956, ela foi concluída. Tem a mesma forma até hoje.

Residência oficial — Essa já virou até ponto turístico. Era o Catetinho. Foi lá que o presidente Juscelino morou e trabalhou entre 1956 e 1958.

Restaurante — Se ainda hoje comer bem na capital da República é difícil, quem dirá há 38 anos. O primeiro restaurante da cidade funcionava na Cidade Livre desde 1956. Era do italiano Vitor Peleck. No Plano Piloto, o primeiro “point” chic foi o Solar Português, inaugurado em 1961, na 313 Sul. Sua dona era Léa Cavalheiro Accioli. Nos idos de 60, o Solar Português tinha uma clientela parecida com a do atual Piantella: vivia recheada de políticos.

Baile de carnaval — Os primeiros confetes de Brasília foram lançados com pompa e circunstância no carnaval de 1959. No dia 7 de fevereiro, o Hotel Brasília Palace inaugurava a programação carnavalesca da capital. Ainda em clima de canteiro de obras, os foliões-pioneiros dançaram ao som de famosas marchinhas.

Rainha da Primavera — Belas das belas candangas, Maria Vitória Duarte recebeu a faixa de Rainha da Primavera, em 1957, no Clube Paraná. Era a primeira miss de Brasília.

Jornal — A imprensa demorou a chegar à capital. O primeiro jornal instalado aqui foi a Tribuna em 1958, impressa inicialmente em Araguari (MG) e depois em gráfica própria no Núcleo Bandeirante. Não se manteve por muito tempo. O Correio Brasiliense começou a circular no dia da fundação da cidade.

Rádio — O rádion de pilha dos candangos começou a transmitir programas brasilienses, em 31 de maio de 1958. Era a inauguração da Rádio Nacional de Brasília.

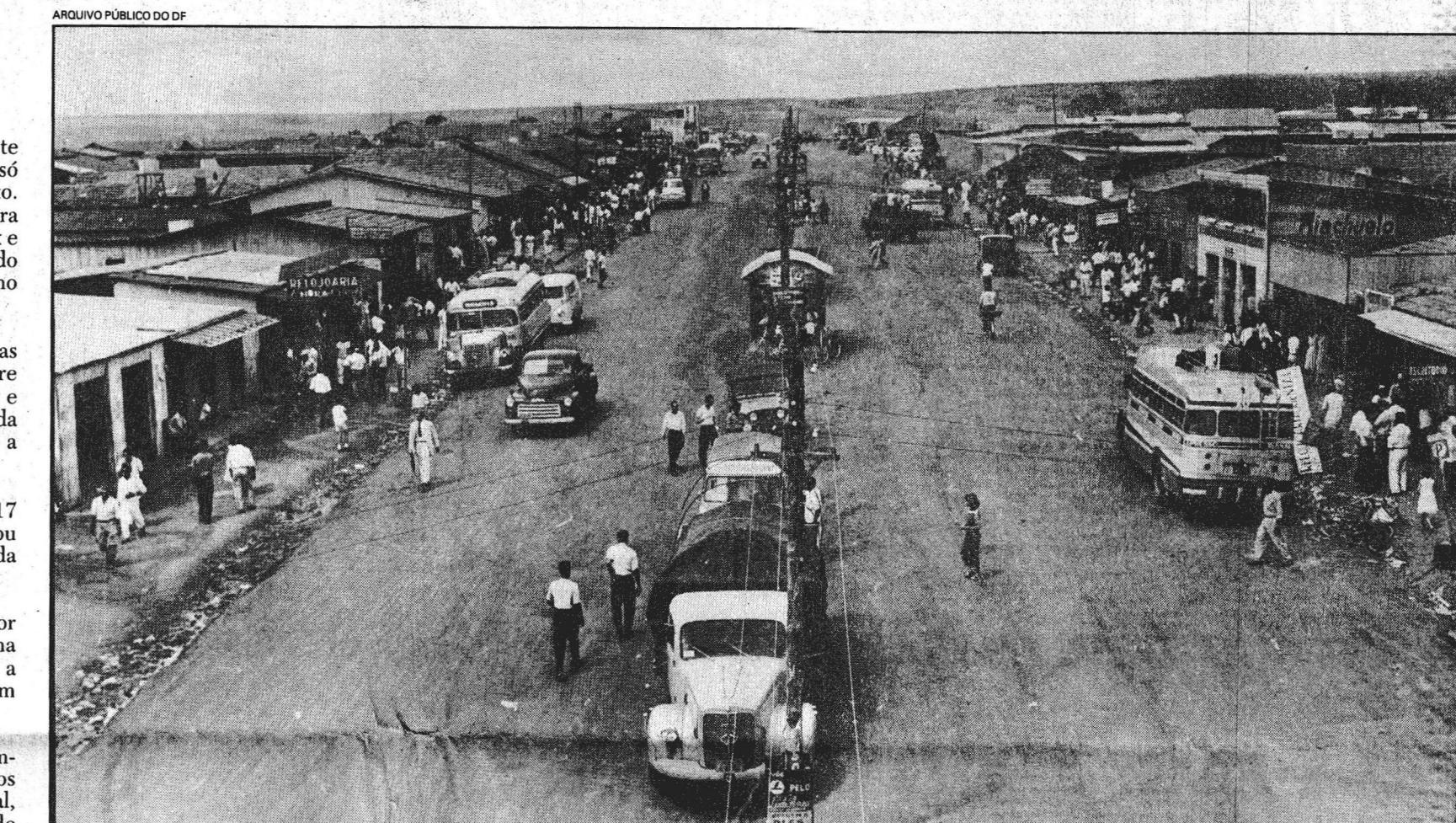
Transmissão em cores de tevê — A cor demorou, mas chegou. As nove e meia da manhã, de 19 de fevereiro de 1972, a TV Brasília presenteou os brasilienses com a primeira transmissão em cores.

Livro impresso — Bagana Monólogo. O livro de Ruy Carneiro foi o primeiro a ser impresso em Brasília. Vendeu como guerra nos acampamentos de engenheiros e operários.

Linha aérea comercial — Ainda que com desenho e potência de teco-teco, os aviões da Real Aerovias conseguiram fazer escala em Brasília no final de 1956. Foram os primeiros. O pioneiro DC-3 saiu do Rio às 7h, parava em Três Pontas, Varginha, Belo Horizonte, Uberaba, Araguari, Uberlândia, Goiânia e Anápolis e chegava à capital no início da noite. Até lá, havia o improvisado aeroporto de madeira verde, que ficava no mesmo lugar do atual.

Carta — O pombo pousou passou por aqui pela primeira vez no final de 1956. Trouxe uma carta para o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, remetida em 10 de novembro de 1956 pelo sr. Joaquim L. Silva de Xaxim, município de Xapéco (SC). Era a primeira correspondência que chegava à cidade por via aérea.

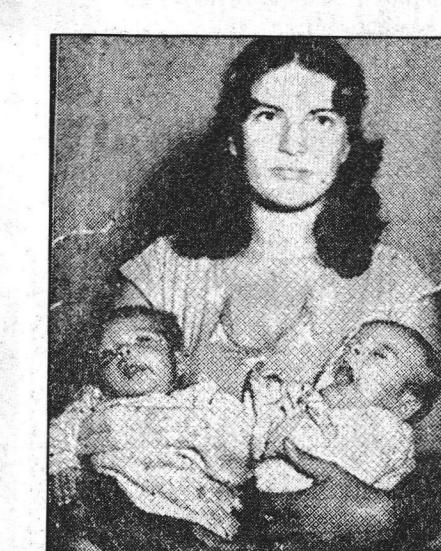
Asfalto — O barro conseguiu a sair do cenário de Brasília às 5h da tarde de 5 de agosto de 1958. Foi então que as ruas da capital receberam a primeira camada de asfalto.



A Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, foi o primeiro aglomerado urbano construído para abrigar os operários da nova capital



Funcionário Público



Brasilienses

A disputa pelo título de primeiro brasiliense é grande. Há quem diga que muitas crianças nascem nasceram nos acampamentos mas não foram registradas em cartórios. Outros juram que o primeiro brasiliense é Brasilino Franklin Queiroz, nascido em março de 1957 e batizado, em 3 de abril. O padrinho, é lógico, foi JK. Uma solução para o problema está no próprio arquivo público de Brasília. Lá, existe o registro de que os gêmeos Roberto e Ricardo nasceram em 23 de dezembro de 56 e foram registrados no cartório de Anápolis. Filhos de José Luiz de Alcantara e Maria Ana de Alcantara.

Missa

Candango que é candango tem fé. No dia 3 de março de 1957, a praça do Cruzeiro, atrás do atual Memorial JK, ficou cheia. Os pioneiros se transformaram em multidão e foram assistir à primeira missa da capital. O arcebispo de São Paulo, Dom Carmelo Vasconcellos celebrou a cerimônia.

Igreja

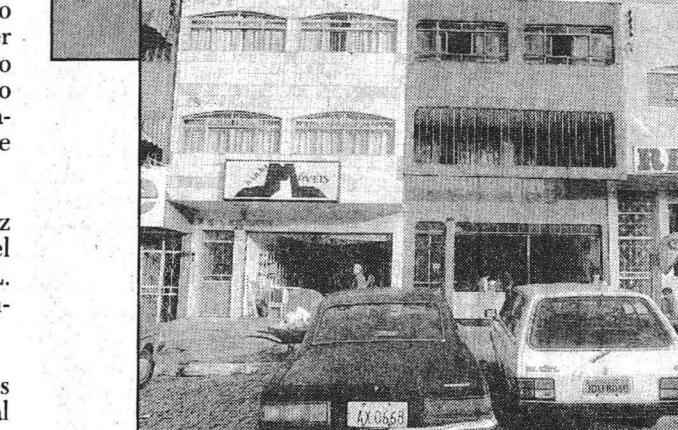
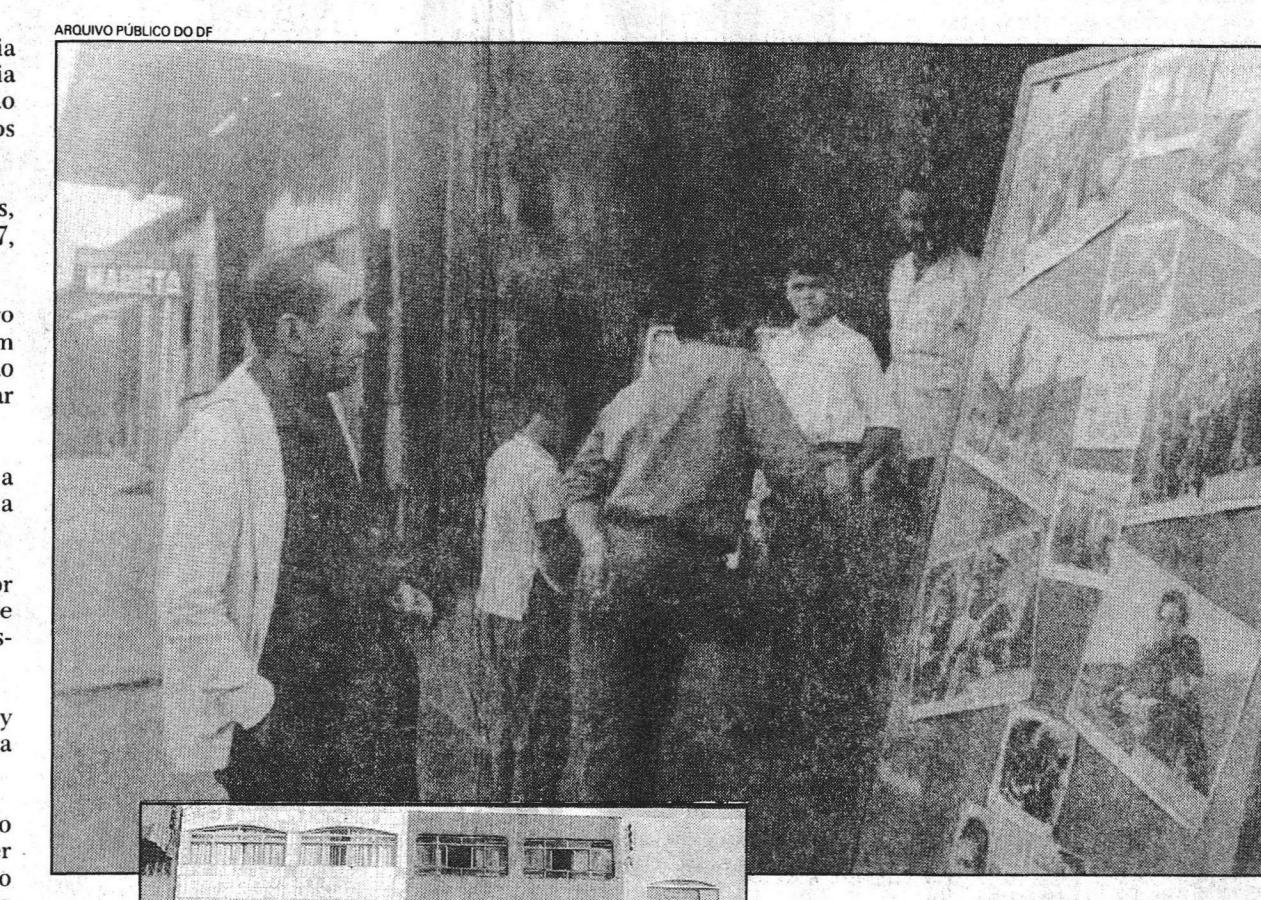
Cada um diz uma coisa. No Museu Vivo da Memória Candanga fala-se que a primeira igreja da cidade foi a Paróquia de N.S. da Aparecida, já demolida e substituída por um motel, no Núcleo Bandeirante. Os pioneiros da antiga Cidade Livre juram que a primeira igreja católica foi a paróquia do Padre Roque. “Antes dela havia apenas um templo batista”, lembra Tânia Souza, moradora do Núcleo Bandeirante desde 1956.

Prefeito

Homem do cofre durante a construção de Brasília, Israel Pinheiro foi o primeiro prefeito da cidade. Seu mandato durou de maio de 1960 até janeiro de 1961. Antes da prefeitura, ele ganhou prestígio como presidente da Novacap.

Cinema

“Cinema é a melhor diversão”, dizem hoje várias placas luminosas de cinemas caricatos. Os candangos da década de 50 tinham a mesma opinião. Faziam fila em frente ao Cine Bandeirantes, inaugurado em 1958, na Cidade Livre. Não havia quem perdesse os filmes de cowboy, sucesso na Brasília que nascia com cenário de faroeste.



Os pioneiros lotaram a praça do Cruzeiro, no dia 3 de março de 1957, para assistir à primeira missa de Brasília



Sepultado

O engenheiro Bernardo Sayão, vice-governador de Goiás, veio para Brasília, animado pela ideia de coordenar as obras de construção da estrada Belém-Brasília. No meio da obra, em janeiro de 1959, uma árvore em queda atingiu Sayão. Sua morte inaugurou o cemitério do Campo da Esperança. Antes de Sayão, morreram centenas de operários na construção da cidade. Alguns foram enterrados em Taguatinga e outros na beira da estrada.

Se você não acertou nenhuma das respostas, mergulhe imediatamente no arquivo público de Brasília. Se acertou, aperte a barra, menos mal. A melhor dica é passar na primeira livraria, comprar um livro sobre a história da cidade e aprofundar seus conhecimentos. Se acertou duas, muito bem. Com frequentes conversas com os pioneiros, seu desempenho será brilhante. Agora, se cravou todas, leve os amigos ao Museu da Memória Candanga e doe sua sabedoria.



O Hotel Souza foi pioneiro e único em 1956

Um grande acampamento, Brasília era ainda assim a futura capital e tinha de receber condições dignas de hóspedes importantes. Para tirar os figurões do aperto, o arquiteto Oscar Niemeyer foi encarregado de projetar algo parecido com um hotel de luxo: o Hotel Brasília Palace, perto do Palácio da Alvorada e inaugurado em 30 de dezembro de 1958. O luxo do Brasília Palace foi pelos ares quando o hotel pegou fogo em 6 de agosto de 1978. De lá para cá, ele é só ruínas e já sobreviveu até ao ex-presidente Collor, que ameaçou implodir o que restou do prédio.



Stroessner (E) primeiro hóspede da cidade de JK



Hotel de luxo

O primeiro hóspede famoso do Brasília Palace foi recebido com honras em maio de 1958 e acabou se radicando na cidade definitivamente, 30 anos depois. Sem festa, desta vez. Trata-se do ex-ditador paraguaio Alfredo Stroessner. Antes mesmo da inauguração do hotel, Stroessner passou por aqui e parece que gostou. Depois de derubado do governo de seu país, mudou-se para Brasília e hoje mora em uma mansão no Lago Sul. Ele só dá com os vizinhos e pode ser visto caminhando pelas redondezas todas as manhãs.

Os primeiros. No meio do cerrado, os candangos desenham um jeito de viver. Construem a escola, o hospital...